



A NOTÍCIA NO RÁDIO PIONEIRO E NA ‘ÉPOCA DE OURO’ DA RADIOFONIA BRASILEIRA

Valci Regina Mousquer Zuculoto

UFSC

Embora, na sua primeira fase, o rádio brasileiro já se caracterizasse como um meio capaz de divulgar rapidamente os acontecimentos, a notícia ainda não era uma de suas principais atrações, nem merecia uma produção específica e adequada à linguagem radiofônica. A notícia é exceção no rádio pioneiro, veiculada como cópia, pura e simples, das informações dos jornais impressos. Ou então, aparece opinativa e interpretativa, mas também com base nas informações retiradas do jornalismo impresso. Isto principalmente em consequência do surgimento e da implantação do rádio terem se processado numa perspectiva idealista e elitista. Mas também pela precariedade técnica.

Mesmo assim, se quisesse, o rádio pioneiro já poderia ter lançado mão de pelo menos uma de suas características - o imediatismo - para divulgar mais rapidamente notícias dos acontecimentos diários. Apesar de funcionar precariamente, já reunia condições tecnológicas de ao menos dispensar a leitura dos jornais. Entretanto, naquela primeira fase são poucos os noticiosos irradiados.

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, emissora de Roquette Pinto, é apontada como a precursora também da introdução do jornalismo na radiofonia brasileira, com o "Jornal da Manhã", produzido por ele próprio de forma improvisada e amadora. Em casa, ele lia os jornais, marcava as notícias que considerava mais interessantes. E após, por telefone, entrava no ar para apresentar o informativo, lendo os fatos que havia selecionado e fazendo comentários. Em comparação com as técnicas atuais de captação de informações e redação dos textos das notícias de rádio ou mesmo com as que surgiram logo depois, na segunda fase da história do rádio brasileiro, pode-se realmente avaliar que Roquette Pinto utilizava recursos rudimentares, improvisados e amadores para a produção do seu “Jornal da Manhã”. Porém, em termos de conteúdo e até de volume de informações de cada notícia ou assunto em pauta, é possível explicitar que adotou uma “forma de fazer” que em muito se diferenciou do que



historicamente o radiojornalismo brasileiro produziu posteriormente. Saint-Clair Lopes (in ORTRIWANO, 1990: 62-63) relata que “o *Jornal da Manhã* não era um simples noticioso, nem um modesto relato dos acontecimentos” como se constituíam os pioneiros jornais-falados e até mesmo outros noticiários radiofônicos que marcaram a história do veículo no Brasil.

“Era o fato comentado, esmiuçado e interpretado [...]. Por meio dele, o comentarista apreciava os acontecimentos nos noticiários dos jornais, lendo-lhes as manchetes e oferecendo um panorama inigualável de concisão, de realidade e de objetividade [...]. Nele, o Mestre distribuía fartamente informações, como devem ser consideradas em seu sentido. Não era um relato, puro e simples dos acontecimentos; era a notícia comentada, esmiuçada, interpretada no seu conteúdo e nos seus reflexos no sistema social do Brasil e do mundo”.

Por este relato, conclui-se que a notícia da primeira fase da história do rádio brasileiro é realmente bem diferenciada daquela que se vai consolidar posteriormente. Não é sintética, resumida, imediata, relato puro, nem elaborada mediante requisitos que busquem uma linguagem própria, adequada às características específicas do meio. Baseia-se nas notícias dos jornais impressos, mas vai além, com interpretações e comentários, não ficando restrita às únicas informações que caracterizam a notícia primária, aquela que realmente se tornará hegemônica no radiojornalismo brasileiro, principalmente nas décadas seguintes.

Bonavita (1982:38) relata que já em 1925, além do “Jornal da Manhã”, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro transmitia mais três jornais-falados: “Jornal do Meio-Dia”, “Jornal da Tarde” e “Jornal da Noite”. E também nestes, ao contrário do que se torna regra nos noticiosos de rádio que surgem a partir de então - a leitura dos jornais impressos ao microfone -, Roquette Pinto acrescentava o comentário, a interpretação. Quem conta é Vampré (1979:31B):

“Roquette Pinto, é claro, não redigia seus jornais-falados, como hoje se faz, como se passou a fazer só em fins da década de 30. Jornalista experiente, inteligência aguda, sentava-se ante o microfone, folheava os jornais do dia e transmitia seu ‘Jornal da Manhã’, comentando todos os assuntos, dando-lhes o seu cunho pessoal”.

Maria Beatriz Roquette Pinto Bojunga confirma em depoimento registrado nos CDs que acompanham “Histórias que o Rádio não contou”, de Reynaldo C. Tavares (1997:CD1, faixa 8):

“Ele fazia o Jornal da Manhã de uma maneira muito original. Ele pegava todos os jornais, com um lápis grande. Ele sempre andava com um lápis vermelho na mão. E ele apanhava o jornal e riscava todas as notícias que achava interessantes para o



rádio. Depois que estava com os jornais todos riscados, ele tinha um telefone direto para a Rádio Sociedade. Então, ele mandava o João Nabi Júnior, que era o técnico, ele dizia pode por a estação no ar. E então ele mesmo falava sobre cada assunto”.

Este tipo de notícia radiofônica “inventada” por Roquette Pinto e as próprias irradiações de “informações” político-ideológicas da Record constitucionalista acabam por gerar, na radiofonia brasileira, as crônicas, os comentários. A notícia, por um bom tempo, continuará sendo transposta diretamente dos jornais impressos para os jornais-falados das ondas do rádio.

Na década de 30, o rádio brasileiro já é comercial, com linguagem e conteúdos de programação mais populares, baseados em muita música, informações de variedades, teatro, já se encaminhando para a sua fase áurea, a chamada “época de ouro”. Mas os programas jornalísticos, mesmo já existindo em maior quantidade, continuam limitando-se à transmissão de notícias retiradas principalmente de jornais impressos. E pelo menos até o início da década de 40, o veículo não contou com um jornalismo construído com linguagem e técnica de produção próprias ou ao menos inovadoras, baseadas justamente no que o faz específico.

“As primeiras duas décadas do rádio no Brasil foram consagradas à leitura dos jornais impressos no ar. Os locutores, chamados ‘speakers’, não faziam cerimônia em ler as notícias diretamente do jornal ou a recortá-las destes. O estilo ‘pomposo e rebuscado’ da época desprezava qualquer iniciativa de busca de uma linguagem sintética. Nem mesmo os horários de início e término dos programas eram observados com rigidez. As notícias despertavam o interesse dos ouvintes, mas eram pulverizadas em meio à programação, sem tratamento especial, sem regras, sem tempo determinado” (KLÖCKNER, 1998:110).

E não eram apenas as informações que o rádio buscava nas páginas dos jornais. O rádio copiava até mesmo o texto, dificilmente fazendo uma adaptação para um estilo mais adequado ao veículo. Foi o período em que se iniciou a irradiação de notícias através dos formatos denominados, apropriadamente, jornais-falados.

“[...]No período anterior ao lançamento do Repórter Esso, o radiojornalismo brasileiro caracterizava-se pela ausência de um tratamento redacional específico para o veículo, ou seja: as notícias eram selecionadas e recortadas dos jornais e lidas ao microfone pelo locutor que estivesse presente no horário. Tesoura e cola eram, na época, os únicos recursos disponíveis para o jornalismo radiofônico” (MOREIRA,1991:26).



A “fase de ouro”: o rádio é espetáculo e o jornalismo ganha impulso nas ondas

É a Segunda Guerra que provoca outras marcantes transformações em nossa radiofonia e aqui, sim, refletindo-se com mais força no radiojornalismo. Ortriwano (1990:59) explica que “[...]pela própria ausência de concorrência, o desenvolvimento do radiojornalismo foi mais lento, assumindo posição de destaque com a eclosão da Guerra e as pressões exercidas pelas potências envolvidas no conflito”.

A imensa gama de causas, conseqüências e reflexos da Segunda Grande Guerra fazia com que em qualquer lugar do mundo houvesse necessidade de informações imediatas. Não importavam aprofundamentos, muitos detalhes, análises. O que o ouvinte queria era apenas informações - “*informações de superfície*” no entendimento de Beltrão (1976:26)- que dessem conta de manter as pessoas com um mínimo de conhecimento imediato e recente sobre o que se passava no centro do conflito. E para informações deste tipo nada mais adequado do que um veículo com as características do rádio, já na época o meio de comunicação de massa com maior potencial para transmitir os fatos com velocidade e rapidez. Assim, como diz Beltrão (1976:26), principalmente pela sua imediatividade, o rádio se tornou “*o canal privilegiado e primeiro da informação de superfície*”, uma característica do radiojornalismo que, mesmo passada a guerra, vai permanecer como a base de todos os noticiosos radiofônicos: informar rapidamente os fatos, com imediatismo, e para isso, sem aprofundá-los em detalhes. É o rádio que dá o “lead”.

"As informações chegavam numa velocidade nunca antes imaginada. As notícias da guerra pipocavam em todos os lugares. Chegando de uma viagem ao interior do país, Fernando Lobo relata, impressionado, o impacto e o poder do rádio - o centro das atenções nas residências e sociedades recreativas. Qualquer bodegueiro de Crato ou Juazeiro conhecia como a palma da mão as emissoras de Berlim, Londres ou a National Broadcasting Company, contava Fernando Lobo. Acompanhavam as últimas notícias, que eram discutidas com paixão por toda a comunidade" (VELLOSO, 1997:136-137).

Mas quando se diz que o rádio, e em especial o jornalismo radiofônico, ganha da guerra mais um impulso, não se pode fazê-lo entendendo que isso ocorreu somente pela necessidade ávida de informação e pelo potencial que o rádio tinha de atendê-la. A Guerra também usou o rádio, política, ideológica e culturalmente.

"A Segunda Guerra fez do rádio uma arma estratégica. As orientações ideológicas e as notícias do front precisavam ser divulgadas com a maior rapidez possível. Os



jornais impressos, assim como cinejornais, não dispunham da agilidade e alcance que passaram a ser requeridos pela nova realidade. O rádio passou a ser encarado como um meio essencialmente informativo" (ORTRIWANO, 1990:72).

Encarado, então, como meio informativo, o rádio dá um grande impulso ao radiojornalismo, e a sua notícia começa a buscar existência própria, tanto na linguagem (texto) quanto na técnica de produção. O Brasil passa a ouvir as notícias da guerra pelo “Repórter Esso”, que estréia no país em 1941, e através de vários outros jornais radiofônicos que ganham fama junto ou no rastro do noticiário que tinha como “*slogan*” ser a “*Testemunha Ocular da História*”. As agências de notícias - a UPI (United Press International) era a responsável pelas informações e durante um bom tempo também pela própria redação do Esso - igualmente ganham importância no rádio nesta época, abastecendo incessantemente o veículo, por meio de telegramas. O radiojornalismo que começa a se consolidar nesta fase tem, como principal, quase exclusiva, fonte de informações, as agências de notícias, que influenciam e ditam rumos ao jornalismo praticado no Brasil, especialmente o do rádio, e isto tanto no formato quanto no conteúdo. É que estas agências constituíam-se em verdadeiros instrumentos de afirmação dos países centrais - as potências como Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra - sobre as nações menos desenvolvidas e dependentes política, econômica e culturalmente.

“A chegada das agências de notícias ao que viria ser o Terceiro Mundo não foi desprovida de sérias conseqüências políticas e culturais. Seus telegramas determinavam quais acontecimentos eram importantes no dia-a-dia de cada país e como deveriam ser noticiados. Obviamente, faziam-no conforme os critérios e prioridades, muitas vezes etnocêntricos ou mesmo racistas, de seus repórteres e editores” (DANTAS, 1996:42).

Os anos 40, em plena efervescência do rádio-espetáculo, constituem-se também no período de implantação, nas emissoras brasileiras, de um radiojornalismo mais efetivo, mais estruturado, especialmente através de noticiosos que, conforme Ortriwano (1985:20), “*marcaram definitivamente o gênero*”. A autora destaca, como marcantes para o radiojornalismo nacional, o “Repórter Esso” e o “Grande Jornal Falado Tupi”.

“O Repórter Esso e o Grande Jornal Falado Tupi foram marcos importantes para que o radiojornalismo brasileiro fosse encontrando sua definição, os caminhos de uma linguagem própria para o meio, deixando de ser apenas a ‘leitura no microfone’ das notícias dos jornais impressos” (ORTRIWANO, 1985:21).



O radiojornalismo e a sua notícia, especialmente em termos de texto e conteúdo das informações, começam a recorrer a outras fontes, a encontrar rumos e a se solidificar na radiofonia nacional, principalmente a partir do Esso. Tanto que se pode classificar de imitadores - outros até de, literalmente, copiadores -, do Repórter Esso, boa parte dos inúmeros noticiosos que surgiram nas emissoras Brasil afora depois do famoso "correspondente"¹. Ou seja, após 28 de agosto de 1941, data em que o Repórter Esso entrou no ar pelas ondas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Ao contrário do período anterior, no qual as notícias do rádio eram lidas diretamente do jornalismo impresso, os noticiários que começam a surgir em profusão nesta fase já são mais característicos da especificidade do veículo. Já passam também a contar com fontes próprias de captação da informação, embora estas ainda sejam restritas. Incluem, principalmente, os telegramas enviados pelas agências de notícias internacionais e os seus ainda poucos repórteres.

Nesta fase, os noticiários radiofônicos não chegam a dar informações em cima do fato, porque os recursos técnicos, embora não mais tão precários, ainda não permitem a completa exploração do imediatismo e instantaneidade potenciais do veículo.

Este impulso do rádio brasileiro no sentido de se consolidar como meio também jornalístico, começando a explorar suas especificidades, ocorre principalmente nas grandes emissoras das capitais e cidades maiores. No interior do país, as pequenas rádios, que já representam a imensa maioria das quase três centenas de emissoras existentes no país em meados da década de 40, neste período ainda não abandonaram a cópia dos jornais impressos. Seu maior avanço é copiar as emissoras maiores - e literalmente também - através da rádio-escuta.

O radialista gaúcho Lauro Haggemann², que foi um dos locutores do Esso no Rio Grande do Sul, lembra que quando iniciou no rádio, ainda no interior do Estado, na cidade de Santa Cruz do Sul, além de recortar as notícias dos jornais, retirava informações dos noticiosos transmitidos pelas emissoras maiores localizadas em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Mais ainda: depois que o Esso entrou no ar e passou a ser

¹ - Noticiários radiofônicos estilo Esso são denominados de sínteses noticiosas, rádio-repórteres e também de correspondentes.

² - Depoimento à autora em agosto de 1997.



retransmitido por outras emissoras do país, o noticiário chegava até elas por via telegráfica. Contando com a ajuda do telegrafista da cidade, os locutores e redatores da rádio de Santa Cruz interceptavam os telegramas do Esso e faziam a leitura nos seus noticiários, sem qualquer mudança. Era um plágio total. E segundo Haggemann, não foram poucas as vezes em que Santa Cruz veiculou as notícias do Esso antes do próprio Esso.

Esta prática não parece ter sido uma característica marcante apenas das emissoras de interior nos pampas gaúchos. Narcélio Limaverde³, radialista cearense e filho de um dos primeiros homens de rádio do Ceará, José Limaverde, conta histórias semelhantes. Relata que faziam a escuta de noticiários das capitais como São Paulo e Rio, entre os quais o Grande Jornal Falado Tupi e o Esso. Os radialistas cearenses, segundo ele, também lançavam mão da ajuda do telegrafista, além de usar a cola e a tesoura para retirar notícias dos veículos impressos. Resultado: os ouvintes do Ceará ficavam informados sobre o que acontecia no centro do país e principalmente no exterior, já que os noticiários copiados, por rádio-escuta, pelas emissoras cearenses privilegiavam as informações nacionais e internacionais. O custo era outro fator que contava para que especialmente as emissoras do interior do país praticassem este tipo de radiojornalismo. A maioria não tinha condições financeiras para montar um departamento de jornalismo e mesmo para se estruturar com os equipamentos necessários à prática diária do radiojornalismo.

Assim, os acontecimentos locais só apareciam nos noticiosos com atraso de muitos dias, semanas até, pois, no caso do Ceará, os “repórteres” captadores de informações eram os funcionários do IBGE no interior do Estado, que enviavam as notícias através de cartas.

E este panorama é a regra da notícia na maioria das emissoras brasileiras de norte a sul do país. Além da prevalência do noticiário do centro do país e principalmente do internacional, a influência das agências estrangeiras de publicidade e de notícias - as primeiras trouxeram as segundas para o Brasil - marcou o radiojornalismo nacional com outro aspecto que é evidente na trajetória a ser cumprida pela notícia no rádio brasileiro: a importação do modelo americano. De início, o modelo importado interfere na programação como um todo, mas principalmente a partir e através do Repórter Esso, passa a produzir consequências diretas e até hoje irreversíveis sobre a notícia.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

“[...] essas agências estrangeiras tiveram um decisivo papel na elaboração e sedimentação de uma economia política para o rádio: assim como já vinham fazendo com os jornais e revistas, elas capturavam e distribuíam verbas publicitárias para o rádio, produziam ou ajudavam a produzir programas voltados para as novas massas consumidoras e assim moldaram a radiodifusão brasileira à imagem do modelo americano” (JAMBEIRO, 1996:88-89).

Especificamente em relação à notícia de rádio, as agências noticiosas, tendo como via principal o Repórter Esso produzido pela UPI - United Press International, também vão determinar sua forma, estrutura e conteúdo. Os telegramas das agências e o próprio Esso, que chegava pronto às emissoras que o irradiavam, neste momento da história do rádio no Brasil foram modelos de notícia absorvidos integralmente pelos noticiosos que estavam no ar. O tipo de jornalismo que estas agências plantaram na imprensa brasileira é assim descrito por Marcos Dantas (1996:42):

“Essas agências internacionalizaram um tipo de jornalismo, então nascente nos Estados Unidos e na Europa, que dá importância ao imediato, ao extraordinário, ao sensacional, ao superficial, ao bizarro, ignorando a articulação dos fatos, os processos sociais, as diferenças culturais e históricas entre os povos; é o jornalismo definido como fait-divers[...]” .

Além de um formato de notícia ao estilo norte-americano, o radiojornalismo brasileiro ganha impulso dando prevalência aos assuntos internacionais, porque eram estes que chegavam até às emissoras em maior volume, por meio dos telegramas das agências.

De uma ou de outra forma, já no início dos anos 40, a notícia se faz presente em boa parte das emissoras, através dos jornais-falados. A Rádio Jornal do Brasil é inaugurada no Rio de Janeiro em 1935, já então estabelecendo *"uma sistemática de programas fundamentada na informação, dentro da conduta austera que a norteia até os dias presentes"* (MADRID apud ORTRIWANO,1990:68). A JB fazia, desde seu início, um rádio bastante informativo. Mas em termos de fontes, linguagem e técnica de produção não se diferenciava da prática disseminada no radiojornalismo da época. Suas fontes: jornais impressos e também telegramas. Prova disso: o texto seco e de linguagem

³ - Depoimento à autora em novembro de 1997.



telegráfica de seus primeiros noticiários. O CD 1 que acompanha o livro “Histórias que o Rádio não contou”, de Reynaldo Tavares (1997), traz a reprodução de um dos primeiros noticiários irradiados pela JB, que inicia com o locutor informando: “*segundo anunciam telegramas de ontem*”. Mais ainda, uma das notícias reproduzidas tem um texto e informações que não dão conta do imediatismo e instantaneidade.

“Rio - As autoridades do vigésimo-quarto distrito policial prenderam há dias uma perigosa quadrilha, composta de ladrões de toda a qualidade, que há de muito agia pelo subúrbio. Submetidos a rigoroso interrogatório, os amigos do alheio estão revelando a existência de furtos, roubos e assaltos de todos os modos, sem que a polícia dissesse conhecimento”.

Repórter Esso: a notícia começa aqui?

O Repórter Esso entrou no ar dia 28 de agosto de 1941, exatamente às 12h45min, pelas ondas da então mais importante emissora do país - a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Mas não foi uma criação brasileira. O Esso chegou ao Brasil⁴ através da agência de publicidade McCann-Erickson, dos Estados Unidos, aqui instalada dentro da política de aproximação norte-americana desenvolvida através do “Birô Interamericano”. Era patrocinado pela empresa petrolífera Standard Oil, também norte-americana e depois denominada Esso Brasileira de Petróleo Ltda., e produzido, pelo menos durante o período da Segunda Guerra, integralmente pela UP - United Press, agência de notícias igualmente dos Estados Unidos e que, mais tarde, a partir de 58, passou a chamar-se UPI - United Press International, devido a sua fusão com a INS - International News Service.

O Repórter Esso teve veiculação ininterrupta, no rádio brasileiro, por 27 anos. E durante este período, foi emitido, simultaneamente, por diversas emissoras brasileiras: além da Nacional, irradiaram o Esso a Record de São Paulo, a Farroupilha de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a Rádio Clube de Recife, em Pernambuco, e a Rádio Inconfidência de Belo Horizonte, em Minas Gerais.

⁴ - O Repórter Esso era um noticiário originário dos Estados Unidos, onde estava no ar desde 1935. Conforme Luciano Klöckner, na sua dissertação “O Repórter Esso na História Brasileira” (1998:111), cerca de um ano após sua estréia no Brasil, em 1942, o noticioso já era transmitido por dezenas de emissoras em 14 países da América do Norte e da América Latina. Além dos Estados Unidos, onde 34 emissoras irradiavam o Esso, também veiculavam o Repórter a Argentina, em nove estações, o Brasil, em cinco, e a Costa Rica, Nicarágua, Cuba, Panamá, República Dominicana, Porto Rico, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile e Uruguai, cada um deles através de uma rádio.



“Com cinco emissoras transmitindo o noticiário, distribuídas em pontos estratégicos do País, acredita-se que foi a primeira tentativa de montar uma rede nacional de divulgação de notícias, visando conquistar não só clientes, mas a opinião pública brasileira. Porém, com a transmissão em ondas médias e curtas, o espectro da Nacional penetrava na maioria dos Estados brasileiros” (KLÖCKNER, 1998:116)

O Repórter Esso foi um marco na história do radiojornalismo nacional que, de acordo com Sônia Virgínia Moreira (1991:26), *"alterou completamente o padrão dos jornais-falados vigente, até então, no rádio brasileiro"*. É que com a chegada do Esso à radiofonia brasileira, inaugurou-se no País um modelo de noticiário de rádio usualmente denominado de síntese noticiosa, que se caracteriza por curta duração (cinco minutos era o tempo do Esso) e notícias com textos estruturados por frases em ordem direta e curtas, informações objetivas, quase secas. O texto de cada edição era elaborado pelos redatores do escritório da UP no Brasil (as notícias internacionais chegavam prontas diretamente dos Estados Unidos), rigorosamente de acordo com as regras inflexíveis do Manual de Produção do Esso. Após, o noticiário, com as informações internacionais e nacionais, era transmitido, via telégrafo, para cada uma das rádios que irradiava o Esso, contendo um espaço para a introdução de notícias locais. Esta forma de organização e estruturação do noticiário se consolida mesmo após o fim da Segunda Guerra. Antes, as notícias da Guerra faziam quase que integralmente o Repórter.

Também de início, a leitura dos noticiários ficava a cargo dos locutores do horário. Depois, a partir de 1944, o Repórter Esso passou a ter um só locutor em cada uma das emissoras - Heron Domingues foi o primeiro locutor exclusivo do Esso na Rádio Nacional e se tornou o mais famoso deles.

Entre os pesquisadores e estudiosos do rádio brasileiro é praticamente unanimidade atribuir ao Repórter Esso o papel de marcar decisiva e definitivamente a história do radiojornalismo no país e assim, conseqüentemente, o texto e a técnica de produção da sua notícia. Foi a partir deste informativo que o jornalismo radiofônico realmente começou a se firmar no Brasil e, mais que isso, se empenhou em buscar linguagem e modos de produção adequados à especificidade do veículo.



"O Repórter Esso e o Grande Jornal Falado Tupi foram marcos importantes para que o radiojornalismo brasileiro fosse encontrando sua definição, os caminhos de uma linguagem própria para o meio, deixando de ser apenas a leitura ao microfone das notícias dos jornais impressos" (ORTRIWANO,1985:21).

Atribui-se ao Repórter Esso ter aberto o caminho para o radiojornalismo brasileiro buscar uma linguagem e formas de realização próprias, porque é a partir dele que começam, inclusive, a surgir regras de redação, apresentação e coleta de informações para as notícias radiofônicas. O locutor mais famoso do Repórter Esso, Heron Domingues, explica o que é uma notícia de rádio em texto redigido em 1949 e citado por Sônia Virgínia Moreira (1991:29):

“A imprensa é a análise, o rádio é a síntese. A imprensa dirige-se aos que sabem ler; o rádio fala, também, aos que são analfabetos. As frases radiofônicas são curtas, contêm apenas o sujeito, o verbo e o objeto direto ou indireto. Em casos especialíssimos, recorremos ao luxo dos adjetivos ou ao desperdício dos pleonasmos de efeito. A vibração da palavra no tímpano de cada ouvido é fugaz; e o entendimento deve ser instantâneo para que o cérebro possa acompanhar o curso da notícia...”

Mas não se pode creditar apenas a Heron Domingues a criação das normas do Repórter Esso. Suas definições, na verdade, decorrem de regras que vieram junto com o Esso para o Brasil. Inicialmente redigido na íntegra por redatores e repórteres da agência de notícias UPI, o Repórter Esso, desde seu começo na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, apenas transfere, ao radiojornalismo nacional, formato, linguagem e técnica de produção características dos Estados Unidos. O correspondente, segundo Perosa (1995:62), “*seguiu as normas rígidas e funcionais dos noticiários radiofônicos norte-americanos*”. E estes, por sua vez, trazem embutidos o estilo e forma de fazer do jornalismo impresso dos Estados Unidos.

Concordando com Marcos Reis⁵, radialista que integrou a JB e um estudioso do rádio brasileiro, é aqui, justamente com o Repórter Esso, que não apenas o radiojornalismo nacional como o nosso próprio jornalismo impresso se transforma, por exemplo, adotando o conceito de “*lead*” dos norte-americanos.

⁵ - Depoimento à autora em janeiro de 1998.



O Repórter Esso, com seu modelo de síntese noticiosa e com sua técnica de produção e redação determinada pela agência de notícias que o produzia, na verdade acaba incorporando o “lead” antes mesmo dos jornais impressos brasileiros. E como o Esso foi “imitado” por praticamente todo o radiojornalismo brasileiro da época e até posteriormente, pode-se dizer que o “lead” chega ao Brasil pelas ondas do rádio.

“O modelo de jornal falado do Repórter Esso é pioneiro em comunicação, mesmo em relação ao jornal impresso - fonte natural do radiojornalismo. Ele antecipa de uma década, com seu Manual de Produção, os manuais de redação dos grandes jornais. [...] A notícia - como leciona o Manual de Produção - deve ser objetiva e clara, em períodos curtos, sem orações intercaladas” (BAHIA, 1990:173).

Naquela época, o termo “lead” e seu próprio conceito ainda não estavam disseminados. Mas o formato e o conteúdo das notícias do Esso já evidenciavam qual seria o caminho dos nossos noticiários radiofônicos. Era possível vislumbrar tal trajetória também no próprio Manual de Produção do Esso, conforme trecho transcrito por Juarez Bahia (1990:173):

“ ‘Afastar do relato tudo o que seja comentário ou que soe como adjetivações’; ‘o Repórter Esso veiculará tão-somente fatos, sem opiniões’; ‘todas as notícias e informações isoladas serão apresentadas em pelo menos duas sentenças’. E cita um exemplo: ‘São Paulo - o Palmeiras derrotou hoje o Santos no Pacaembu. A contagem foi cinco a zero’. É o lead na ordem direta que depois faria época na imprensa.”

Ao determinar a síntese, a clareza e a objetividade na forma e estrutura do relato da informação como as principais características do Repórter Esso, o Manual de Produção do noticioso não apenas antecipou o que viria a ser o “lead”, mas também e principalmente o formato de notícia que se consolidaria dali em diante em todo o radiojornalismo brasileiro.

A síntese era regra indiscutível, determinada já pelo tempo de duração de cada edição - cinco minutos exatos, durante os quais o Manual exigia a veiculação do maior número possível de informações. A orientação quanto à extensão do noticiário não deixava dúvidas sobre a exigência de síntese:

“[...] cada informação é condensada (sem prejuízo de sua clareza) em itens de 30 a 40 palavras, o que corresponde a três ou quatro linhas datilografadas. Desta forma, em cada edição do REPÓRTER ESSO podem ser transmitidas cerca de 600 palavras, inclusive 13 a 15 notícias”.



Realmente, uma notícia com apenas quatro linhas só pode informar o mínimo essencial de um fato, respondendo às perguntas que o jornalismo convencionou como básicas para o “lead” de abertura de uma matéria: o que, quem, como, onde, quando e por que. E apenas o tipo de notícia estrita consegue adequar-se a este formato tão sintético.

A objetividade e a clareza, o Esso sustentava como suas principais características na forma de estruturar e redigir, conforme também atesta seu Manual:

“As notícias e as informações do REPÓRTER ESSO são apresentadas de maneira simples e objetiva. Essas características são asseguradas pelas frases curtas (cerca de dez palavras) construídas em forma de oração direta”.

Pode ser que os manuais de redação de emissoras brasileiras, surgidos organizadamente e em profusão anos depois, não se baseiem integralmente nos ensinamentos de Heron Domingues para seu pioneiro departamento de jornalismo na Rádio Nacional e nas rígidas normas do Manual de Produção do Esso. Mas em todos é possível vislumbrar muito do tom proposto por eles. Por exemplo, as normas da Rádio Jornal do Brasil, em 1981, na época em que a emissora também fazia escola no radiojornalismo brasileiro indicavam, entre outras, as seguintes orientações:

*“No rádio, as frases de ordem direta (sujeito, verbo, complemento) são geralmente as melhores, por serem as mais claras e, também, as mais usadas na linguagem falada[...].
[...] O cérebro humano não consegue registrar uma informação recebida pelo ouvido, pular para outra e retornar à inicial, sem parar de receber informações. Usar sempre uma frase e um ponto para cada idéia.
Além de usar frases simples e curtas, é preciso evitar palavras longas e complicadas. [...]
Traduzir sempre, para o português coloquial, as informações em ‘polituês’, ‘economês’ ou qualquer outra terminologia técnica.[...]”.*

Em São Paulo, também na década de 80, outra emissora se destacava e ditava “moda” radiofônica no Brasil. Era a Jovem Pan, que, pelas mãos da radialista Maria Elisa Porchat (1989), produziu um Manual de Radiojornalismo que ensina:

*“A Jovem Pan adotou, para facilitar a absorção destas informações nos jornais falados, a forma ‘manchetada’ de noticiário, que, com o tempo, passou a ser o aspecto formal mais característico da Rádio.
O MOSQUITO ‘TIGRE ASIÁTICO’ JÁ INFESTOU 37 CIDADES. O MINISTÉRIO DA SAÚDE DEU O SINAL DE ALERTA. MOBILIZADAS 21*



CIDADES DO ESPÍRITO SANTO, 12 DE MINAS E 4 DO RIO. O 'TIGRE ASIÁTICO' TRANSMITE DENGUE, FEBRE AMARELA E ENCEFALITE.

Manchetar é redigir as notícias em frases curtas, sintéticas [...].

Vá direto ao fato principal [...].

Contar apenas com a audição significa que o som deverá suprir a falta da imagem. Isto demanda uma linguagem mais do que clara, uma linguagem nítida, para que o ouvinte 'veja' através das palavras.

Evite palavras técnicas e os termos científicos [...].

A ordem direta - sujeito + verbos + complementos - é mais simples e fácil de ser entendida.”

Todas estas semelhanças e ecos dos já longínquos tempos do Esso não são meras coincidências. É claro que transformado, o modelo Esso foi a principal raiz da nossa notícia radiofônica, em termos de formato de texto, linguagem e apresentação. Uma raiz importada, numa prática que se tem tornado comum na história do jornalismo brasileiro.

“A narrativa jornalística praticada no Brasil, em meios impressos ou eletrônicos, na grande estrutura das mídias, como nas pequenas estruturas regionais e locais, e também na imprensa alternativa dos anos 70, revela a mesma importação de modelos, sempre com uma defasagem histórica e vazia de dinâmica criativa e amadurecimento. Importamos a técnica do lead, como importamos a pirâmide invertida [...]” (MEDINA, 1988:141).

Algo mais no ar, além do Esso

Outro noticioso apontado como marco do radiojornalismo brasileiro foi o Grande Jornal Falado Tupi, comandado por Corifeu de Azevedo Marques e que entrou no ar, na Rádio Tupi de São Paulo, em 3 de abril de 1942, pouco menos de um ano depois da estréia do Repórter Esso. O Grande Jornal também era retransmitido por uma série de emissoras, mas se diferenciou do Esso em formato. Não era uma síntese de cinco minutos como o famoso Repórter e tinha uma única edição diária, à noite. Começava com manchetes e transmitia as notícias em blocos que eram divididos por assuntos, seguindo a técnica de edição dos jornais impressos. A criação deste modelo de noticioso radiofônico pelo Grande Jornal Falado Tupi é atribuída ao fato de seu diretor, o Corifeu de Azevedo Marques, ser originário do jornalismo impresso, de onde importou a técnica.



“ Vindo do jornalismo impresso, ele trouxe contribuições também importantes para o jornalismo radiofônico da época, criando uma estrutura com manchetes e divisões por assuntos como ainda hoje é utilizada tanto nos noticiários de rádio quanto de televisão” (NOLETO ALVES, 1998:44).

O Grande Jornal Falado foi, na verdade, uma continuidade do Jornal Falado Tupi, que era transmitido pela emissora paulista desde 1939. Trocou de nome e adotou o modelo de Corifeu quando este passou a dirigir o noticioso em 42. Mas, da época anterior, conservou uma prática diferenciada da produção da maioria dos noticiários daquele período, inclusive o Esso. Aqueles que não se mantinham copiando integralmente os jornais impressos, depois da entrada das agências de notícias no Brasil e principalmente durante a Guerra, passaram a transmitir ‘ipsis literis’ o texto destas agências. Com o Jornal Falado, depois Grande Jornal Falado Tupi, a produção era diferente, conforme depoimento de Auripebo Simões⁶ a Tavares (1997:154):

“[...] notava que as estações de rádio liam as notícias exatamente iguais como eram mandadas pela Reuters, pela Associated Press, pela United Press...Então, o que fazia eu? Eu mesmo fazia de cada notícia daquelas uma redação diferente [...] E o fazia de um modo para ler rapidamente, dando impacto de manchete”.

É nesta fase, do nascimento e consolidação do Repórter Esso e do Grande Jornal Falado Tupi, portanto, que se encontram as mais fortes raízes - aquelas que vingaram e que mesmo sofrendo transformações posteriormente influíram de forma decisiva na trajetória da notícia de rádio no Brasil. O Esso e o não menos famoso noticioso da Tupi legaram ao nosso radiojornalismo dois modelos com diferenças e semelhanças que, juntos, construíram essa trajetória e que assim são descritos por Bahia (1990:172): “*o jornal falado - que encontra o seu melhor modelo talvez no Grande Jornal Falado Tupi; o noticioso sumário - cuja fórmula ideal se configura no Repórter Esso de 1941 a 1962*”.

Ou seja, a notícia de rádio adota uma fórmula que mescla uma edição por assuntos - uma adaptação do modo dos jornais impressos - com uma linguagem objetiva, concisa - ao

⁶ Auripebo Simões foi redator e um dos locutores - na época, estes profissionais eram conhecidos como speakers - do Jornal falado Tupi e também do seu sucessor, o Grande Jornal Falado Tupi.



estilo telegráfico e originado dos telegramas das agências. E aos poucos, essa linguagem vai-se tornando leve e coloquial, numa adequação à característica do veículo de transmitir apenas através do oral. Quanto às formas de captação da informação, vê-se, nesta fase, que a notícia já não tem mais como única fonte os jornais impressos. Devido a uma imbricação de diferentes fatores e aspectos, avança no sentido de diversificar suas fontes de informação, aqui ainda centradas nas agências. A reportagem, no sentido de prática para a captação de informação, vai aparecer com mais força na fase seguinte. Tanto quanto o rádio espetáculo, de entretenimento, o período de 1934 a 1955 foi também a fase áurea do radiojornalismo e, por consequência, da sua notícia.

“ Nos anos 50 as estatísticas são auspiciosas para o rádio e revelam que, por seu intermédio, quase o dobro das pessoas que lêem jornais se baseiam nas emissões radiofônicas para saber os fatos nacionais e internacionais [...]” (BAHIA, 1990:174).

A notícia que vai-se desenvolver e se transformar no radiojornalismo brasileiro realmente começa aqui, nos tempos do “Repórter Esso”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES DE FARIA, Álvaro. *Jovem Pan, 50 anos*. São Paulo, Maltesa, 1994.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica - As técnicas do jornalismo*. São Paulo, Ática, 1990.
- BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.
- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Interpretativo*. Porto Alegre, Sulina, 1976.
- BONAVITA FEDERICO, Maria Elvira. *História da Comunicação – Rádio e TV no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- CALMON ALVES, Rosenthal. *Radiojornalismo e Linguagem Coloquial*. In.: *Cardernos de Jornalismo e Comunicação*. Rio de Janeiro, Ed. Jornal do Brasil, nº 45, 1974.
- CÖHEN, Guilherme. *No ar, o “Grande Jornal Fluminense”*. In.: *Revista de Comunicação*.



- Rio de Janeiro, Agora Comunicação Integrada Ltda, ano 8, nº 30, novembro de 1992.
- DANTAS, Marcos. *A lógica do capital informação*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996.
- KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso na História Brasileira (1941-1945 e 1950-1954)*.
Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em Comunicação Social apresentada à Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUCRS, 1998.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo, Summus, 1988.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. *O Rádio no Brasil*. Rio Fundo Editora, Rio de Janeiro, 1991.
- NOLETO ALVES, Laurenice. *A Era do Rádio – O tempo em que o Brasil só creditava no que ouvia no Repórter Esso*. In.: A Imprensa no Brasil – de D. João a FHC 190 anos de História. Revista Comemorativa ao XXIII Congresso Mundial dos Jornalistas, Brasil, Fenaj, maio de 1998.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo, Summus, 1985.
- _____. *Os (Des)caminhos do Rádio*. São Paulo, Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1990.
- _____. *Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais*. São Paulo, COM-Arte, 1987.
- PEROSA, Lilian Maria F. de Lima. *A Hora do Clique. Análise do Programa de Rádio Voz do Brasil da Velha à Nova República*. São Paulo, Annablume:ECA-USP, 1995.
- PORCHAT, Maria Elisa. *Manual de Radiojornalismo Jovem Pan*. São Paulo, Annablume, 1997.
- TAVARES, Reynaldo C. *Histórias que o Rádio não contou - Do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo*. São Paulo, Negócio Editora Ltda, 1997.
- TOTA, Antonio Pedro. *A Locomotiva no Ar - Rádio e Modernidade em São Paulo 1924-1934*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/ PW Gráficos e Editores Associados Ltda, 1990.
- VELLOSO, Mônica. *Mário Lago: boemia e política*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.



ARQUIVOS CONSULTADOS

Acervo da Collector's, Rio de Janeiro/RJ.

Acervo da Rádio Nacional, Rio de Janeiro/RJ.

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro/RJ.

Arquivo pessoal de Dóris Haussen, Porto Alegre/RS.

Arquivo pessoal de Eduardo Meditsch, Florianópolis/SC.

Arquivo pessoal de Luiz Carlos Saroldi, Rio de Janeiro/RJ.

Arquivo pessoal da autora, Florianópolis/SC.

Museu da Imagem e do Som, Rio de Janeiro/RJ.

Museu da Imagem e do Som, São Paulo/SP.

Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa, Porto Alegre/RS

DOCUMENTOS EM ÁUDIO E VÍDEO

A história do Repórter Esso. Coleção Assim Era o Rádio, Collector's, Rio de Janeiro.

BBC. *O Rádio no Brasil*. London, série comemorativa dos 50 anos do serviço brasileiro da BBC World Service Publicity Design, 1989.

50 Anos de Memória Brasileira (1934-1984). Produção BASF, São Paulo, 1984.

Documentos Sonoros – Nosso Século. Abril Cultural, 1982.

O Rádio no Brasil – 1922/1990. Produção Tele Tape e Artplan Publicidade, 1990.

O rádio como repórter da história, seus astros e estrelas (1936/1985). Série Rádio Revisto 1, MIS, Rio de Janeiro.

O Semeador Roquette- Pinto. Produção SOARMEC, Roteiro Luiz carlos Saroldi, Rádio MEC, 23 set 1992.

Os programas, novelas e jingles que marcaram uma época (1936/1985).

Série Rádio Revisto 2, MIS, Rio de Janeiro.

TAVARES, Reynaldo C. *Histórias que o Rádio não contou - Do galena*



ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo. CDs 1 e 2, São Paulo, Negócio Editora Ltda, 1997.

Repórter Esso – 10 anos. Edição Especial, Rádio Nacional, Rio de Janeiro, 28 ago 1951.

ENTREVISTAS

LAURO HAGGEMANN – Jornalista, radialista, foi locutor exclusivo do Repórter Esso na Rádio Farroupilha, em Porto Alegre. Também trabalhou em outras emissoras gaúchas como a Rádio Santa Cruz do Sul e a Rádio Guaíba, na capital. Concedeu a entrevista em agosto de 1997, em Porto Alegre.

MARCOS REIS – Jornalista, professor de jornalismo, foi editor do Repórter Esso na televisão de 1952 a 1970. Depoimento prestado em janeiro de 1998, no Rio de Janeiro.

NARCÉLIO LIMA VERDE – Radialista, filho de um dos primeiros profissionais de rádio do Ceará, trabalhou na Rádio Clube. Hoje atua em diversas emissoras de Fortaleza. Concedeu a entrevista por telefone, em novembro de 1997, a partir de Fortaleza.

MANUAIS DE REDAÇÃO, PRODUÇÃO E EDIÇÃO

Rádio Jornal do Brasil. Sugestões ao Radiojornalismo, 1981.

Rádio Nova Eldorado AM. Descrição de Funções e Objetivos da Nova Eldorado AM, 1994.

Sistema Globo de Rádio. Manual de Redação e Produção, 1985.

Repórter Esso Rádio. Manual de Produção, agosto de 1963.